

# Desenvolvimento desigual e combinado: modernidade, modernismo e revolução permanente

NEIL DAVIDSON

São Paulo: Editora Unifesp, 2021. 354p.

Hévilla Wanderley\*

Escrito por Neil Davidson e publicado em 2021 pela Editora Unifesp, *Desenvolvimento desigual e combinado: modernidade, modernismo e revolução permanente* é uma das poucas obras do trotskista escocês publicadas no Brasil. Nela, apresenta-se uma análise crítica da política contemporânea, retomando um prolífico debate sobre as duas categorias mais conhecidas de Leon Trotsky: desenvolvimento desigual e combinado e revolução permanente.

A apresentação, feita pelo professor de História da Arte da Universidade de Londres, Steve Edwards, conta um pouco da trajetória do autor escocês que morreu em maio de 2020 e que deixou escritos fundamentais para a compreensão do desenvolvimento do capitalismo na Escócia. O prefácio é assinado pelo sociólogo brasileiro Ricardo Antunes. Dividido em três capítulos, o livro procura demonstrar, ainda na introdução, como o desenvolvimento desigual e combinado influenciou não somente as relações de produção de cada país, mas também suas relações sociais, sua cultura política, e até mesmo as artes, atrelando esses fenômenos ao processo de modernidade capitalista.

Como tema principal do livro, Davidson busca discutir como o conceito de desenvolvimento desigual e combinado pode ser estendido para outras realidades, lançando luz sobre as consequências da urbanização e da industrialização para as

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais na UFCG e bolsista Fapesq-PB. E-mail: hevillawanderley@gmail.com

sociedades que viriam a se tornar capitalistas, fossem elas consideradas “atrasadas” ou não. Ao retomar Trotsky, o autor escocês afirma que poucos territórios experimentaram o desenvolvimento sistemático e lógico do capitalismo, ou seja, passaram pelas etapas que se iniciaram nas manufaturas domésticas e chegaram às fábricas. Para ele, a Inglaterra foi o único país que conseguiu unificar a sua economia capitalista sem pular estágios.

Segundo o autor, além do que chama de “a exceção inglesa”, poucos territórios conseguiram cumprir trajetórias parecidas. Entre eles, destacam-se o Nordeste dos Estados Unidos e a Catalunha, antes da incorporação à Espanha. De resto, a imensa maioria dos Estados capitalistas passaram pelo desenvolvimento desigual e combinado, uma consequência da modernidade capitalista.

No primeiro capítulo, o autor se preocupa em retomar o debate sobre a “lei” do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky, assim como demonstrar de que forma ela explica a “coexistência de diferentes temporalidades dentro das mesmas formações sociais” (p.41), tanto quanto explicar como os países avançados se beneficiam do atraso dos países subdesenvolvidos. Mas Davidson tenta ir além das formulações de Trotsky. Ele afirma que a coexistência dessas diferentes temporalidades, que funde o arcaico e o moderno, ocorre em todos os âmbitos da vida social, desde a estrutura econômica à cultura, e, além disso, não se limita apenas aos países subdesenvolvidos.

Nota-se uma preocupação do autor em relação ao emprego do termo modernidade em função de sua maleabilidade. Entretanto, ele defende que há necessidade de sua utilização para especificar um tempo histórico capturado pelo sistema econômico vigente, ainda que o conceito de modernidade não precise estar necessariamente atrelado ao capitalismo. Levanta, inclusive, a possibilidade de uma modernidade para além deste período, daí a importância de caracterizá-lo como modernidade capitalista.

Uma das contribuições significativas do livro reside na discussão do que o autor denomina “a exceção inglesa” na medida em que explica como a modernidade capitalista se incorporou aos aspectos mais fundamentais da vida social a ponto de naturalizar-se nos primeiros anos desse processo. O estranhamento só surgiria mais à frente, no século XIX e início do século XX, ao ser tema dominante na arte e na literatura inglesa, havendo, assim, uma “rejeição tanto da modernidade quanto do modernismo” (p.85).

Para Davidson, por ser uma exceção no processo global de desenvolvimento do capitalismo, a Inglaterra não produziu movimentos artísticos ou movimentos sociais revolucionários, primeiro porque a revolução burguesa de 1688 foi exitosa em um país cujo Estado já estava voltado à acumulação de capital, com processos avançados de industrialização e urbanização. Em segundo lugar, devido ao seu caráter pioneiro, a Inglaterra sofreu menos pressões sociais internas se comparada aos estados em formação. Ademais, não enfrentou competição real na sua produção até o século XIX.

Um dos exemplos citados de aceleração do processo de industrialização e dos saltos modernizantes é a Escócia, onde se verificou uma diferença temporal proeminente entre as zonas conhecidas como Terras Baixas, que rapidamente se industrializaram, e as Terras Altas, onde se notou um atraso no desenvolvimento capitalista. Uma importante consequência surge dessa disparidade: o processo de migração para a região mais industrializada, fenômeno basilar para o desenvolvimento desigual e combinado.

Como aponta Steve Edwards ainda na apresentação, Davidson inverte o entendimento padrão da tradição trotskista por “sugerir que o desenvolvimento desigual e combinado consistia no núcleo teórico e a revolução permanente, no horizonte estratégico, e não na via inevitável para o socialismo” (p.17).

Davidson então pincela casos em que a organização dos trabalhadores poderia levar à ocorrência da revolução permanente e argumenta que, na atualidade, a China é o país que tem experimentado o desenvolvimento desigual e combinado em sua forma mais intensa. O autor escocês relembra o que disse Trotsky, ao afirmar que, além da Rússia, na China também era possível a revolução permanente. Dessa forma, Davidson aponta três aspectos que confirmam sua tese sobre a China: as migrações internas; a resistência e a auto-organização da maior mão de obra mundial; e as ações de repressão do Estado chinês.

Um aspecto que merece crítica mais contundente, no entanto, consiste na abordagem dos escritos de Antonio Gramsci. Ao utilizar os conceitos de Oriente e Ocidente, além do conceito de hegemonia, o autor calca sua análise em fontes secundárias, especialmente nas obras de Perry Anderson e de Ranajit Guja. Esse procedimento deixa escapar a complexidade do pensamento do autor italiano, esvaziando seu conteúdo de classe, tão caro a Gramsci.

Contudo, de modo geral pode-se afirmar que Davidson contribui para ampliar a crítica ao desenvolvimento do capitalismo que, ao se expandir, influencia tanto as relações de produção quanto as relações sociais. Ao retomar e aprofundar os conceitos de desenvolvimento desigual e combinado e de modernidade capitalista, ele atualiza o debate, oferecendo ferramentas fundamentais para a leitura acurada dos fenômenos contemporâneos.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Direção política e educação**

Anita Helena Schlesener

**Debates historiográficos, Brasil e Argentina**

Lucas Duarte e Carlos Zacarias

**Notas sobre o comum**

João Tonucci Filho

**DOSSIÊ “Marxismos, feminismos, *queer*  
e sexualidades” (Parte II)**

Bárbara Castro, Maira Abreu,  
Cinzia Arruzza, Kevin Floyd, Alan Sears

# 49